

# Impasse na Ilha

A

capital do Espírito Santo não tem mais para onde crescer. Para aumentar sua população, só mesmo apelando para a verticalização das construções. Mas aí cai-se em um impasse: valerá a pena verticalizar construções dentro dos limites da Ilha, em detrimento da qualidade de vida?

Eis uma dúvida capaz de suscitar polêmicas apaixonadas, pois defensores das duas alternativas dispõem de amplo arsenal de argumentos factíveis, e certamente muita disposição para emplacar seus pontos de vista.

Mas os principais interessados na questão, os moradores, precisam ter a palavra final, caso haja alguma remota intenção oficial de mudar o delicado equilíbrio que ainda lhes proporciona relativo bem-estar em termos de qualidade de vida.

Entre outros motivos, porque os administradores de Vitória, antes de qualquer gesto, mesmo simbólico, em favor da verticalização irrestrita, devem tentar resolver alguns paradoxos ambientais inexplicáveis, em se tratando de uma cidade oficialmente saturada, mas que, apesar deste detalhe, ainda conserva invejável potencial turístico e ecológico.

O principal deles salta aos olhos de quem costuma passar pela Zona Norte. São centenas de milhares de metros quadrados de área nobre, hoje praticamente ilhados por bairros residenciais, ocupados pelo Aeroporto de Goiabeiras. Ora, aeródromos em tal situação representam risco permanente e muitos decibéis a mais para milhares de pessoas.

Tragédias já estiveram na iminência de ocorrer nas redondezas. Só foram evitadas porque os pilotos, na iminência da queda, tiveram sangue-frio suficiente para manejar os aparelhos e espatifar-se o mais longe possível das áreas residenciais, que praticamente cercam as pistas de pouso e decolagem.

O último a seguir tal procedimento, alguns anos atrás, foi um Bandeirantes da FAB, cuja tripulação morreu na explosão do avião, por sinal ocorrida dentro da área do Porto de Tubarão. O heroísmo dos oficiais, porém, só realçou o perigo latente naquela área, em função do gradativo aumento do tráfego aéreo.

Aquela área ocupada pelo aeroporto de Goiabeiras é uma das últimas capazes de viabilizar o crescimento horizontal da capital do Espírito Santo, pelo menos por mais alguns anos.

A outra solução, sob todos os aspectos impensável, seria o desmatamento e urbanização do maciço central da Ilha, hoje o último refúgio natural da Mata Atlântica dentro dos limites de Vitória.

Só que as conseqüências seriam graves demais, mesmo se outras soluções não existissem. Poucos capixabas, com toda a certeza, estariam dispostos a correr o risco.